

Palavras de Francisco: “Não trago ouro nem prata, mas lhes trago o que de mais valioso me foi dado: Jesus Cristo”

Alex da Silva Mendes*

RESUMO

O objetivo desse artigo é enfatizar que o pontificado de Francisco, desde a sua gênese, é evidenciado pela alegria, simplicidade, bondade, ternura, esperança, amor e fé. Francisco tem conclamado a Igreja urgentemente à santidade e à voltar, de forma evangelicamente preferencial, aos pobres, doentes, marginalizados e periferias. Assim como São Francisco de Assis, o seu pontificado é marcado por uma Igreja samaritana, cuidadora, plural, ecumênica, dialogal e ecológica. “Não se esqueçam de rezar por mim” é o pedido de Francisco, desde seu primeiro dia de pontificado.

Palavras-chave: Papa Francisco; teologia; igreja em saída; *preambula fidei*.

FRANCIS’ WORDS: “I HAVE NEITHER SILVER NOR GOLD, BUT I BRING WITH ME THE MOST PRECIOUS THING GIVEN TO ME: JESUS CHRIST”

ABSTRACT

This paper emphasizes Francis’ pontificate joy, simplicity, goodness, tenderness, hope, love, and faith principles. Francis has claimed urgently the church to holiness and, for so, the church must evangelically turn to the poor, the sick, the marginalized, the peripheries. Like St. Francis of Assisi, his pontificate is marked by a Samaritan Church, caring, plural, ecumenical, dialogic, and ecological. “Don’t forget to pray for me”, Francis says since his first pontificate day.

Keywords: Pope Francis; Theology; Outgoing church; *preambula fidei*.

* Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro do grupo Lerte e da Sociedade Paul Tillich do Brasil.

Introdução

Quando esteve aqui no Brasil em 2013, em sua primeira viagem internacional, aos jovens do mundo todo, na Jornada Mundial da Juventude, Francisco, de forma veemente, proclamou: “Não trago ouro nem prata, mas lhes trago o que de mais valioso me foi dado: Jesus Cristo”. Ao fazer esse paralelo com os apóstolos Pedro e João em Atos 3. 6, que diz: “*Pedro lhe disse: “Ouro ou prata eu não tenho; mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazoreu, anda!*”¹. Esse ato miraculoso simboliza a Igreja nascente, que não rompe com a religião do povo, pois a Igreja é pobre, e o grande tesouro que possui é a sua missão. A missão de Francisco é dar testemunho à boa-nova de Jesus, apontando-nos para o Nazareno, caminho, verdade e vida, deixando-nos verdadeiro rastro de luz, para que anunciemos o Evangelho a todos e todas, na promoção da cultura do encontro em tempos marcados pela exclusão, descarte, de tantos. Não é à toa sua escolha de homenagear São Francisco de Assis, conhecido não só por sua dedicação aos animais como também pela renúncia à vida mundana e aos prazeres proporcionados pela riqueza. Outro gesto que conecta o Papa Francisco a seu antecessor espiritual foi a decisão de remover a maior parte dos adornos de seu trono papal.

A influência e o posicionamento de Francisco em relação à sociedade e assuntos de interesse global são impactantes desde seus dias de cardeal em Buenos Aires, onde realizava discursos ressaltando a desigualdade de classes, a pobreza e justiça social que era necessária ser feita no país.

A mídia atenta amplamente para o fato de Francisco ser uma pessoa extremamente humilde e simples. Isso pode ser visto através da escolha das suas vestes papais, por não ter utilizado a tradicional robe vermelha cerimonial durante sua eleição, preferindo uma batina branca. Simples é também seu trono papal, que é branco e sem quaisquer ornamentos ou símbolos de ostentação. A humildade do Papa também é demonstrada através de suas ações com outras formalidades no Vaticano. Francisco aceitou os parabéns dos cardeais de pé, e não sentado, como é de costume no protocolo cerimonial. E, em vez de andar no

¹ TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

famoso papamóvel, pegou um ônibus com os cardeais de volta para seus aposentos. Francisco é o primeiro Papa latino-americano e de formação jesuíta. Desde então, Francisco nos surpreende com suas lições de humildade, devoção e espiritualidade.

Palavras de Francisco: A alegria é a regra para os cristãos

Durante o Angelus com os fiéis no III domingo do Advento, Francisco falou sobre a alegria dos cristãos (Vatican News, 2020, p. 1)²:

“A alegria é isto: orientar a Jesus. E a alegria deve ser a característica da nossa fé. Também nos momentos mais ruins, saber que o Senhor está comigo, que o Senhor está conosco, que o Senhor ressuscitou. O Senhor! O Senhor! O Senhor! Este é o centro da nossa vida. Pensem bem hoje: como me comporto? Se não tenho a alegria da minha fé, não poderei dar testemunho e os outros dirão: “Mas se a fé é assim triste, melhor não a ter”.

Francisco ressaltou nesse evento, que a busca da felicidade é comum a todas as pessoas de todos os tempos e de todas as idades, porque o próprio Deus colocou no coração de cada homem e de cada mulher um desejo irreprimível de felicidade e de plenitude. Os nossos corações estão inquietos buscando sem cessar um bem que possa saciar a sua sede de infinito.

De acordo com Francisco (Evangelii Gaudium, 2013)³, o caminho da felicidade inicia contracorrente: é preciso sair do egoísmo e pensar nos outros. Ser tristes – diziam os Padres do deserto – é quase sempre pensar em si mesmos. Deste modo – observa Francisco – “quando a vida interior se fecha nos próprios interesses” e “não há mais espaço para os outros”, não se deleita mais “da doce alegria”. De fato, “não se pode ser feliz sozinho”. Francisco nos convida a redescobrir a generosidade, porque “Deus ama quem doa com alegria” (2Cor 9.7). É preciso vencer a tentação de se fechar em si mesmo, de se isolar, acreditando-

² FRACCALVIERI, Bianca. **Papa no Angelus: a alegria é a regra para os cristãos**. Vatican News, em 13 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-12/papa-francisco-angelus-advento-alegria-crista-jesus-centro.html>. Consulta realizada em: 28 de julho de 2021.

³ FRANCISCO. **Evangelii Gaudium – a alegria do Evangelho** – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

-se autossuficiente, porque todos precisamos de fraternidade. A vida adquire sentido “ao buscar o bem do próximo”, desejando a felicidade dos outros: “Se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já é suficiente para justificar o dom da minha vida”. O caminho da alegria – afirma o Papa Francisco – é feito também de senso de humor: saber rir das coisas, dos outros e de si mesmo é profundamente humano, é um comportamento próximo da graça. É aquele relativismo bom, o relativismo da alegria que “nasce do Espírito Santo”. “Sem perder o realismo”, tornamo-nos capazes de iluminar os outros “com um espírito positivo e rico de esperança”.

Alegria é também conseguir ver os dons que se recebe todos os dias. É o maravilhamento diante da beleza da vida e das coisas grandes e pequenas que preenchem as nossas jornadas. Francisco indica o exemplo de São Francisco de Assis, que era “capaz de se comover de gratidão perante um pedaço de pão duro, ou de louvar, feliz, a Deus só pela brisa que acariciava o seu rosto.

De acordo com (BETTO; BOFF e CORTELLA, 2016, p.24)⁴, a felicidade é um bem espiritual. Cinco fatores dificultam, hoje, a nossa felicidade:

1. A indiferença frente à desigualdade social e o individualismo exacerbado;
2. A acelerada mercantilização da vida individual e social: a felicidade é identificada com satisfação do maior número de necessidades reais e supérfluas;
3. A prática de preconceitos e a ascensão dos fundamentalismos;
4. O sequestro da democracia pelas elites financeiras, que transformam a política na simples administração do “roubo” e da corrupção legais;
5. A dedicação obsessiva ao trabalho, que induz a sacrificar certos prazeres e alegrias, confortos e tranquilidades, a fim de satisfazer a paixão pelo poder, pelo sucesso e/ ou lucro.

A felicidade é um bem espiritual. Francisco de Assis, jovem rico, volta da guerra e vê o pai – um pioneiro do capitalismo – criar um

⁴ BETTO, Frei; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario Sergio. **Felicidade foi-se embora?** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

sistema de produção que propaga miséria em decorrência das relações de trabalho. Ele se desnuda na praça de Assis, como quem diz: “Não aceito a roupa que você faz em sua manufatura, porque ela gera a pobreza dos artesãos. Abandono o meu lar, a minha riqueza, a minha herança, o meu conforto, para ser solidário a esses pobres!”. Era um jovem extremamente feliz, porque imprimiu à sua vida um sentido altruísta e solidário. Felicidade é um estado de espírito, um aflorar da consciência, que nos faz amar a vida sem, no entanto, nos apegarmos a ela. Nada faz mais feliz uma pessoa do que o sentimento que imprime à própria vida.

O Papa Francisco nos convida a provar a alegria de trabalhar com os outros e pelos outros para construir um mundo mais justo e fraterno. Significa viver as fadigas do dia a dia com o espírito das Bem-aventuranças: este é o “caminho da verdadeira felicidade” que Jesus indicou.

De acordo com (CENTOFANTI, 2019, p. 1)⁵, trata-se de “uma novidade revolucionária, de um modelo de felicidade oposto” ao “pensamento dominante”. Bem-aventurados os “simples, os humildes que deixam espaço a Deus, que sabem chorar pelo próximo e pelos próprios erros, permanecem mansos, lutam pela justiça, são misericordiosos para com todos, preservam a pureza do coração, trabalham sempre pela paz e vivem na alegria, não odeiam e até quando sofrem respondem ao mal com o bem. As Bem-aventuranças “não requerem gestos sensacionais”, não são para super-homens, mas é um estilo de vida para os que precisam de Deus. São para pessoas simples que “respiram como todos o ar poluído do mal que há no mundo, mas ao longo do caminho nunca perdem de vista o caminho de Jesus”: estão sempre ao lado d’Ele na fadiga e sabem repousar com Ele para retomar o caminho com alegria.

O caminho para a alegria é dificultado pelas provas e pelos fracassos da vida que levam ao desencorajamento. O Papa oferece duas indicações para não perder a esperança e não desistir: perseverar na oração e nunca caminhar sozinhos. “Podemos estar certos de que Deus responderá” à nossa oração, mesmo se às vezes é árida. “Talvez tenhamos que insistir durante a vida inteira, mas ele responderá”. “A

⁵ CENTOFANTI, Sergio. **Papa Francisco e o caminho da felicidade**. Vatican News, em 20 de março de 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-03/pap-francisco-alegria-decalogo.html>. Consulta realizada em: 28 de julho de 2021.

oração muda a realidade, não nos esqueçamos disso. Ou muda as coisas ou muda o nosso coração, mas sempre muda. Rezar é desde o início a vitória sobre a solidão e sobre o desespero”. Segunda indicação: Há sempre alguém na vida “que nos dá a mão para nos levantarmos” porque “o Senhor nos salva tornando-nos parte de um povo”. O Papa alerta sobre o perigo do individualismo: “Não permitam que o mundo faça crer a vocês que é melhor caminhar sozinho. Sozinho, nunca se consegue. Poderás, sim, conseguir um êxito na vida, mas sem amor, sem companheiros, sem pertença a um povo, sem aquela experiência tão bela que é arriscarmos juntos. Não se pode caminhar sozinho”.

Na vida há o tempo da cruz, há os momentos tristes que nos sentimos abandonados por Deus e neste silêncio de Deus é preciso mais do que nunca se abandonar nas suas mãos. Então – observa Francisco – vamos ao “primeiro degrau da alegria” que é a paz, a profunda paz que vêm da entrega total a Deus.

É uma “alegria sobrenatural” que nada pode destruir e “se adapta e se transforma, e permanece sempre com uma pequena luz que nasce da certeza” que “as graças do Senhor não acabaram, não esgotaram as suas misericórdias” porque “é grande a sua fidelidade” como diz Jesus: a vossa tristeza há de converter-se em alegria” e “ninguém vos poderá tirar a vossa alegria”. “A Boa-Nova é a alegria de um Pai que não quer que se perca nenhum dos seus pequeninos”.

A verdadeira alegria – afirma o Papa – nasce do encontro com Jesus, em acreditar que Ele nos amou chegando a dar a vida por nós. A alegria é saber que somos amados por Deus que é Pai. A verdadeira alegria não é fruto dos nossos esforços, mas do Espírito Santo que pede apenas para abirmos nossos corações para enchê-los de felicidade. “Se deixarmos que o Senhor nos arranque da nossa concha e mude a nossa vida, então poderemos realizar o que pedia São Paulo: “Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos!”.

Palavras de Francisco: A importância da fraternidade para a paz no mundo

Falando sobre as religiões a serviço da fraternidade no mundo (FRATELLI TUTTI, 2020, p.72)⁶, Francisco nos diz o seguinte:

⁶ FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social*. Santa Sé, (3 outubro de 2020).

As várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade. O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. Como ensinaram os bispos da Índia, o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor.

Francisco tem destacado o ecumenismo em três dimensões: o ecumenismo do sangue, o ecumenismo do pobre e o ecumenismo da missão.

No ecumenismo de sangue, Francisco nos relembra que várias pessoas padecem sofrimentos enorme por causa do nome de Jesus, em particular durante a perseguição do século passado, além de recordar outros cristãos ao redor do mundo, que continuam sofrendo por causa da fé.

De acordo com (REDAÇÃO A 12, 2021, p. 1)⁷, no ecumenismo do pobre, Francisco nos convida a caminhar e dar testemunho, em particular servindo aos irmãos mais pobres e esquecidos, nos quais Ele está presente. É “o ecumenismo do pobre”. Já se pode ser unido, já se pode caminhar juntos, prescindindo dos diálogos de cúpula e das diferenças teológicas. Pode-se testemunhar o Evangelho ao lado de quem sofre. Já o ecumenismo da missão está ligado à missão e à comunhão, a exemplo dos Santos Cirilo e Metódio. Pode-se caminhar juntos, buscando anunciar o Evangelho. Francisco insiste, em particular, sobre os jovens: “Como é importante, no respeito pelas respectivas tradições e peculiaridades, ajudar-nos e encontrar modos para transmitir a fé segundo linguagens e formas que permitam aos jovens experimentar a alegria de um Deus que os ama e os chama”.

Os apelos bíblicos para a unidade são imperativos que desafiam constantemente as Igrejas e todos os cristãos. A clássica expressão na oração de Jesus condiciona a vivência eclesial à unidade dos apóstolos: “a fim de que todos sejam um. Como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me envias-

⁷ REDAÇÃO A 12. **3 dimensões do ecumenismo, segundo o Papa Francisco.** Em 21 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/nabulgaria-papa-francisco-destaca-tres-dimensoes-do-ecumenismo>. Consulta realizada em: 29 de julho de 2021.

te” (João 17). A vocação pela unidade, a abertura ao outro e o alargamento de horizontes e o estímulo a uma mentalidade aberta e plural são, acima de tudo, a primazia da fé em relação à lei. Nesse sentido, “não há judeu, nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gálatas 3). A visão mais aprofundada sobre o ecumenismo revela que ele possui uma tríplice dimensão: *a unidade cristã*, a partir do reconhecimento do escândalo histórico das divisões e de uma preocupação em construir perspectivas missionárias ecumênicas; *a promoção da vida*, firmada nos ideais utópicos de uma sociedade justa e solidária e na compreensão que eles podem reger a organização da sociedade integrando todos os de “boa vontade”; e *o diálogo inter-religioso*, na busca incessante da superação dos conflitos entre as religiões, da paz e da comunhão universal dos povos.

Portanto, ainda que alguns grupos religiosos e estudiosos da religião façam uma diferença entre ecumenismo e diálogo inter-religioso, nossa compreensão de ecumenismo é ampla e inclui, não somente a unidade das igrejas cristãs, que é elemento importantíssimo, motivador e determinante do princípio ecumênico, mas também todos os esforços de promoção da vida e da justiça e as aproximações de diferentes pessoas e grupos de religiões distintas. O ecumenismo, como se sabe, é uma das grandes realidades do século XXI.

De acordo com (RIBEIRO e CUNHA, 2013, p. 36)⁸, é preciso compreender que o ecumenismo é um projeto de Deus, um princípio cristão um mandato missionário, tal qual os escritos bíblicos nos apresentam. Isso nos leva a reconhecer o que chamamos de movimento ecumênico, com todas as suas vertentes e expressões, como os esforços de concretização desse princípio ao longo da história. Portanto, não podemos condicionar a solidez do princípio aos rumos, avanços, fracassos e contradições contabilizados pelo movimento. O princípio ecumênico é muito maior do que o movimento ecumênico tal como o conhecemos, com suas estruturas, fóruns de diálogo intra-cristão e inter-religioso e espaços de serviço e de intervenção social. Ecumenismo, portanto, é o

⁸ RIBEIRO, Claudio; CUNHA, Magali. **O Rosto ecumênico de Deus: reflexões sobre ecumenismo e paz**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

termo que se refere ao princípio bíblico-teológico da unidade da criação de Deus que chama ao valor ao outro e à diversidade (Gênesis 2.18) e resulta em aceitação, respeito, diálogo, responsabilidade com a criação, parceria, amor ao outro (Deuterônimo 10.19). É um princípio cristão de superação das divisões em nome da fidelidade à unidade amorosa do Pai com o Filho (João 17.21).

Tal princípio é resultante da herança judaico-cristã, embora a terminologia seja “recente”. O movimento ecumênico, portanto, é resultado do princípio da *oikoumene*, do projeto de Deus, e deve se pautar por ele, concretizando-o, e não o contrário disso. E como é movimento, estão implícitas nele características como diversidade de expressões, dinamismo e permanente transformação.

Segundo (SANTA ANA, 1987, p. 38)⁹, ao refletir sobre o processo de ressignificação histórica do termo grego “*oikoumene*” (toda a terra habitada) nos conduz à noção moderna de ecumenismo, o teólogo metodista uruguaio Júlio de Santa Ana nos leva ao século XVIII para explicar como foi adquirida sua conotação religiosa.

Já se vivia naquele momento quase dois séculos de repressão e mortes resultantes da divisão entre os cristãos no Ocidente, alimentada por intolerância e intransigência. Foi então que pessoas sensíveis ao escândalo que aquelas atitudes representavam para o Evangelho de Jesus Cristo passaram a pregar a necessidade da paz entre as confissões. Dentre elas, podemos fazer menção especial ao filósofo e matemático Joerg W. Leibniz. Vinculado à Igreja Luterana, Leibniz cultivava amizade com católico-romanos, o que lhe reforçava a visão crítica de que aquela forma cruel de defender o Evangelho era nada mais do que negá-lo; por isso defendia uma igreja universal que abrigasse as diferentes expressões da vida e da fé cristã. Numa de suas correspondências a um dos amigos, um bispo católico, Leibniz usou a palavra “*oikoumene*” ou “ecumênico” para indicar o caráter de universalidade do cristianismo, conseqüentemente da própria fé e da Igreja. Este teria sido um dos primeiros registros do termo relacionado à fé cristã.

⁹ SANTA ANA, Julio. **Ecumenismo e Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

3. Palavras de Francisco: A atual pandemia nos recordou, que não há diferenças ou fronteiras entre aqueles que sofrem

O Papa Francisco, numa conversa com o vaticanista do jornalismo La Stampa, Domemico Agasso (JOSÉ, 2020, p. 1)¹⁰, disse o seguinte: “Aqui se chora e se sofre. Todos. Só podemos sair desta situação juntos, como uma humanidade inteira. Portanto, devemos olhar para o outro com espírito de solidariedade e nos comportarmos de consequência”.

Francisco desde o início do pontificado comunica com simplicidade, utilizando-se de metáforas para falar pedagogicamente a todos sobre o projeto de Igreja que deseja construir.

Muitas vezes reiterou o sonho de uma “Igreja em Saída”, para dizer uma Igreja missionária, de acompanhamento próximo, machucada nas ruas e calcada na vida do Povo de Deus. E de fato, Francisco nos últimos oito anos viajava às periferias e acolhia em sua casa, os pobres, os migrantes, os refugiados, os indígenas, as vítimas de abusos sexuais...

De acordo com (AZEVEDO, 2020, p. 1)¹¹, Francisco expressou também, desde sua primeira encíclica, a necessidade da “cultura do encontro” contra a “cultura do descarte”. Reforçava assim uma sociedade inclusiva, de valorização e participação de todos os pobres do mundo, superando as agruras geradas por um sistema econômico financeirizado em crise.

A pandemia do coronavírus atravancou o caminho da “normalidade”, de toda a sociedade, incluindo também o papado ao “estilo Francisco”. O mundo, e a Igreja que nele está inserida, depararam-se com o desafio de se transformar e repensar. O Papa, em entrevista por videoconferência, afirmou: “Tenho esperança na humanidade. Vamos sair melhores”.

Porém, contra Francisco, a pandemia freou uma agenda de viagens e os rotineiros encontros com o público, limitando o Papa das periferias, do encontro e da Igreja em saída, à reclusão entre as paredes

¹⁰ JOSÉ, Silvonei. **O Papa sobre a pandemia: diante de Deus todos nós somos filhos, sairemos dela juntos.** Vatican News, em 20 de março de 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/o-papa-sobre-a-pandemia-diante-de-deus-todos-somos-filhos.html>. Consulta realizada em: 1 de agosto de 2021.

¹¹ AZEVEDO, Wagner Fernandes de. **O Papa Francisco, a pandemia e o pós-pandemia: metáforas e encruzilhada.** Instituto Humanitas Unisinos, em 25 de julho de 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/601296-o-papa-francisco-a-pandemia-e-pos-pandemia-metaforas-e-encruzilhada>. Consulta realizada em: 2 de agosto de 2021.

do Vaticano - e à comunicação on-line, com transmissão do Ângelus, Audiência Geral e das missas matinais.

Contudo, a leitura de mundo e da Igreja, que Francisco soube fazer e divulgar em oito anos de pontificado, gerou outra metáfora ainda mais pertinente no atual tempo: a Igreja como hospital de campanha. O teólogo Tomáš Halík destaca no artigo “Igrejas fechadas: um sinal de Deus?”:

Se a Igreja deve ser um hospital de campanha, obviamente ela deve continuar oferecendo a mesma assistência sanitária, social e caritativa que ofereceu desde as origens da sua história. Mas, como qualquer bom hospital, a Igreja também deve realizar outras tarefas. Deve fazer diagnósticos (identificando os sinais dos tempos), fazer prevenção (criando um sistema imunológico, em uma sociedade em que dominam os vírus malignos do medo, do ódio, do populismo e do nacionalismo), e fazer convalescência (ultrapassando os traumas do passado com o perdão).

Halík compreende o fechamento das Igrejas como uma oportunidade de provar um futuro que poderia em breve acontecer. E é ao confinamento no vazio (agora forçado por uma emergência sanitária) que a metáfora da Igreja em saída faz-se antítese. Para ele, o “ser Igreja” e “ser Cristão” não é estático, imutável, e a história de Cristo e os apóstolos demonstrara isso.

Do tesouro da tradição que nos foi confiada, queremos tirar coisas novas e velhas e fazê-las participar de um diálogo com os que buscam, um diálogo no qual possamos e devamos aprender uns com os outros. Devemos aprender a ampliar radicalmente os limites da nossa visão da Igreja. Já não nos basta abrir, magnanimamente, um “pátio dos gentios”. O Senhor já bateu à porta a partir “de dentro” e saiu – e cabe a nós buscá-lo e segui-lo. Cristo atravessou a porta que nós havíamos trancado por medo dos outros. Pulou o muro que tínhamos erigido à nossa volta. Abriu um espaço cuja amplitude e profundidade nos dão vertigens.

Em 21 de dezembro de 2019, dias antes de o novo coronavírus ser sequenciado e meses antes de a OMS declarar pandemia, Francisco reforçava à Cúria Romana as rápidas transformações de um novo mundo:

Estamos a viver, não simplesmente uma época de mudanças, mas uma mudança de época. Encontramo-nos, portanto, num daqueles momentos em que as mudanças já não são lineares, mas epocais; constituem op-

ções que transformam rapidamente o modo de viver, de se relacionar, de comunicar e elaborar o pensamento, de comunicar entre as gerações humanas e de compreender e viver a fé e a ciência.

A Itália foi o primeiro país ocidental a sofrer com a catástrofe do coronavírus. Cenas como os caminhões militares carregando corpos de mortos pela covid-19 em Bérgamo chocaram o mundo. Na tarde de 15 de março, Francisco saiu pelas ruas vazias de Roma em peregrinação à Basílica de Santa Maria Maggiore para fazer oração à Virgem “Protetora do Povo Romano”, *Salus Populi Romani*. Na sequência, seguiu, caminhando, à Igreja de San Marcello al Corso, onde está o Crucifixo milagroso que em 1522 foi levado em procissão pelos bairros da cidade para que terminasse a “Grande Peste” em Roma.

Os meses de março e abril foram dramáticos, a Itália atingiu o pico de mortes em março do ano passado, com 919 óbitos. No anoitecer deste dia, Francisco celebrou a oração *Urbi et Orbi*, em uma Praça São Pedro escura e vazia. Em sua homilia disse que estamos todos no mesmo barco e reafirmou a necessidade de construir um rumo comum: “não é o momento do juízo de Deus, mas sim de nosso juízo: o tempo para escolher entre o que conta verdadeiramente e o que passa, para separar o que é necessário do que não é”.

Para março de 2020, Francisco havia convocado um encontro com milhares de jovens economistas para discutir novos modelos de economia, inspirados em Francisco e Clara de Assis: Uma economia que faz viver e não mata. O encontro presencial da “Economia de Francisco” ficou adiado devido à pandemia, embora as discussões virtuais tenham continuado.

Porém, as projeções de diversos organismos internacionais alertam para uma “crise sem precedentes” como consequência da pandemia. Em função disto, em abril, o Vaticano criou uma Comissão para abordar os desafios postos ao mundo pelo coronavírus. Sob a liderança do cardeal Peter Turkson, prefeito do Dicastério para a Promoção do Desenvolvimento Humano Integral a comissão tem como objetivo “a análise e a reflexão sobre os desafios socioeconômicos e culturais do futuro e a proposta de diretrizes para enfrentá-los”. Segundo Turkson:

O Papa está convencido de que estamos em uma mudança de época e está refletindo sobre o que virá depois da emergência, sobre as consequências

econômicas e sociais da pandemia, sobre o que teremos que enfrentar e, acima de tudo, sobre o modo como a Igreja poderá se oferecer como ponto de referência seguro para o mundo desorientado diante de um evento inesperado.

Em sua carta Encíclica, chamada (FRATELLI TUTTI, 2020, p. 9)¹², falando sobre as pandemias e outros flagelos da história, Francisco diz assim:

É verdade que uma tragédia global como a pandemia do Covid-19 despertou por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos. Por isso, «a tempestade – dizia eu – desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. (...) Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascarámos o nosso “eu” sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, esta (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.

Para ajudar a planejar o papel da Igreja no mundo pós-pandemia, Francisco convocou para a comissão o padre argentino Augusto Zampini. Em entrevista ao portal *Religiión Digital*, Zampini disse perceber na pandemia “uma oportunidade de ver a Igreja que sai, que arregaça as mangas e se suja de barro, para dar esperança, abraçando a todos e todas, especialmente aos mais pobres”.

Considerações finais

Apesar de tantas oposições, Francisco segue firme em sua missão, mudando profundamente a vida de muitos e está moldando a Igreja Católica em algo mais evangélico e semelhante ao Evangelho. Muito

¹² FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social**. Santa Sé, (3 outubro de 2020).

disso se deve à sua capacidade incomparável de oferecer uma leitura espiritual das situações existenciais. Mas essa mudança também requer algumas mudanças estruturais.

Quando ele se tornou papa, de fato na fala que levou à sua eleição, Francisco chamou a Igreja a olhar para fora, a sair da sacristia, a se tornar uma Igreja em saída. Para ele, essa mudança de foco do “ad intra” para o “ad extra” é uma pré-condição que precisa ser atendida ainda mais se a Igreja quiser fazer reformas internas de uma forma que não a possa dividi-la.

Francisco é um Papa de todos; a humildade, o diálogo, a evangelização e o cuidado pelos pobres e excluídos, são marcas inerentes do seu papado. No tempo atual, com o papado de Francisco há um retorno às fontes da teologia da libertação, retomando sua raiz fundadora, que é a experiência de Deus na opção pelos pobres, mas também uma exigência de criatividade para responder aos novos desafios.

A opção pelos pobres na teologia latino-americana e caribenha é o resultado de uma fé compromissada com os direitos humanos, a construção de uma nova sociedade, e com o Reino de Deus, por isso ganhou uma relevância inédita e temerária para aqueles que possuem o poder econômico e político. Na teologia latino-americana, fé e vida são termos fortemente entrelaçados e que se interpelam mutuamente, representando a nova aurora das práxis cristã e libertadora.

De acordo com (SBARDELOTTI, 2018, p. 181)¹³, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, em seu número 195, Francisco apresenta os pobres como critério-chave de autenticidade eclesial:

Quando São Paulo foi ter com os Apóstolos em Jerusalém para discernir “se estava correndo ou tinha corrido em vão” (G12, 2), o critério-chave de autenticidade que lhe indicaram foi que esquecesse dos pobres (cf. G12, 10). Este critério importante para que as comunidades paulinas não se deixassem arrastar pelo estilo de vida individualista dos pagãos, tem uma grande atualidade no contexto atual em que tende a desenvolver-se um novo paganismo individualista. A própria beleza do Evangelho nem sempre a conseguimos manifestar adequadamente, mas há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora.

¹³ SBARDELOTTI, Emerson. **Teologias e Literaturas7: A opção pelos pobres na poesia de Patativa do Assaré**. Fonte Editorial. São Paulo, 2018.

De acordo com (MANZATTO, 2015, p. 196)¹⁴, não cabe enumerar seus gestos e palavras mais surpreendentes nem focar a atenção nas diferenças de postura com os pontificados anteriores. Cabe sim reconhecer que Francisco toma como referência o Concílio Vaticano II e sua proposta eclesiológica, foca sua preocupação na ação pastoral da Igreja e traz para a Igreja universal aquilo que era próprio da Igreja latino-americana. Neste sentido o Papa é latino-americano não porque nasceu neste continente, mas porque em sua prática e em seu comportamento transparece aquilo que a teologia e a Igreja latino-americana vivem e testemunham.

Outro ponto importante, no pontificado de Francisco é a sua Encíclica Ecológica. Trata-se de um documento de uma grande riqueza e complexidade, que propõe uma nova interpretação da tradição judaico-cristã – em ruptura com o “sonho prometeico de dominação do mundo” – e uma reflexão profundamente radical sobre as causas da crise ecológica. Sob certos aspectos, como por exemplo na associação inseparável do “clamor da terra” e do “clamor dos pobres”, percebe-se que a teologia da libertação – em particular a do ecoteólogo Leonardo Boff – foi uma de suas fontes de inspiração. Para o Papa Francisco, os desastres ecológicos e a mudança climática não são unicamente o resultado dos comportamentos individuais – ainda que estes também tenham sua parte – mas sim dos “modelos atuais de produção e consumo.

Referências

AZEVEDO, Wagner Fernandes de. **O Papa Francisco, a pandemia e o pós-pandemia: metáforas e encruzilhada**. Instituto Humanitas Unisinos, em 25 de julho de 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/601296-o-papa-francisco-a-pandemia-e-pos-pandemia-metaphoras-e-encruzilhada>. Consulta realizada em: 2 de agosto de 2021.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario Sergio. **Felicidade foi-se embora?** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

¹⁴ MANZATTO, Antonio. **O Papa Francisco e a Teologia da Libertação**. Revista de Cultura Teológica. Ano XXIII. N 86. Jul/Dez 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.v0i86.26048/18695>. Consulta realizada em: 2 de agosto de 2021.

CENTOFANTI, Sergio. **Papa Francisco e o caminho da felicidade**. Vatican News, em 20 de março de 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-03/paap-francisco-alegria-decalogo.html>. Consulta realizada em: 28 de julho de 2021.

FRACCALVIERI, Bianca. **Papa no Angelus: a alegria é a regra para os cristãos**. Vatican News, em 13 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-12/papa-francisco-angelus-advento-alegria-crista-jesus-centro.html>. Consulta realizada em: 28 de julho de 2021.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium – a alegria do Evangelho** – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social**. Santa Sé, (3 outubro de 2020).

JOSÉ, Silvonei. **O Papa sobre a pandemia: diante de Deus todos nós somos filhos, sairemos dela juntos**. Vatican News, em 20 de março de 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/o-papa-sobre-a-pandemia-diante-de-deus-todos-somos-filhos.html>. Consulta realizada em: 1 de agosto de 2021.

MANZATTO, Antonio. **O Papa Francisco e a Teologia da Libertação**. Revista de Cultura Teológica. Ano XXIII. N 86. Jul/Dez 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.v0i86.26048/18695>. Consulta realizada em: 2 de agosto de 2021.

REDAÇÃO A 12. **3 dimensões do ecumenismo, segundo o Papa Francisco**. Em 21 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/na-bulgaria-papa-francisco-destaca-tres-dimensoes-do-ecumenismo>. Consulta realizada em: 29 de julho de 2021.

RIBEIRO, Claudio; CUNHA, Magali. **O Rosto ecumênico de Deus: reflexões sobre ecumenismo e paz**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

SANTA ANA, Julio. **Ecumenismo e Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SBARDELOTTI, Emerson. **Teologias e Literaturas7: A opção pelos pobres na poesia de Patativa do Assaré**. Fonte Editorial. São Paulo, 2018.

TEB – **Tradução Ecumênica da Bíblia**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

Submetido em: 2-8-2021

Aceito em: 3-9-2021